



# Boletim Informativo

SOCIEDADE HISTÓRICA DA INDEPENDÊNCIA DE PORTUGAL



N.º 335/37 – Ano XXX  
Outubro, Novembro e Dezembro de 2014

## Editorial



### **SOCIEDADE HISTÓRICA**

Instituição de Portugal, aberta à Lusofonia,  
ao Ocidente e ao Mundo

#### **2014 — Depois da tempestade a bonança**

O ano de 2014 foi, talvez, nestes primeiros anos do novo século, aquele em que a actividade – patriótica, cívica e cultural da Sociedade Histórica – decorreu, com grande tranquilidade, excelente oferta cultural, progressivo aumento da sua notoriedade – nacional e internacional – e notável sucesso da recuperação do valiosíssimo património artístico do Palácio da Independência.

#### **Sustentabilidade**

Na verdade, eliminado o serviço da dívida, regularizadas as responsabilidades para com o Fundo Aboim Sande Lemos e criada a reserva financeira de apoio à tesouraria, cumpriram-se os objectivos do Plano e Orçamento. O exercício encerrou-se com o previsto resultado marginal positivo. A comunidade de trabalho e os fornecedores foram pagos a tempo e horas e não existiram os tradicionais sobressaltos com as frequentes e crónicas rupturas de tesouraria.

#### **Oferta cultural**

A oferta cultural continuou a afirmar-se, pela qualidade, quantidade e diversidade, colocando a Sociedade Histórica no plano que lhe compete no âmbito das Academias, Sociedade de Geografia, Centro Nacional de Cultura e Grémio Literário.

Pena é que à qualidade dos conferencistas não corresponda, por vezes, a adesão dos queridos associados e do público em geral, sujeitando grandes vultos da intelectualidade, portuguesa e estrangeira, ao desconsolo de salas – especialmente o Salão Nobre – menos cheias ou quase vazias.

O Turismo Cultural e as Visitas ao Palácio continuam a revelar-se iniciativas de sucesso, tendo o primeiro atingido elevadíssimos níveis de satisfação dos associados e suas famílias.

#### **Notoriedade**

Sem prejuízo da qualidade dos conferencistas, a Sociedade Histórica recebeu, em 2014, o Primeiro Ministro, no lançamento do livro “Conceito Estratégico de Defesa Nacional”, do saudoso estadista Luís Fontoura; por duas vezes, Sua Alteza Imperial e Real o Príncipe do Brasil, D. Bertrand de Orleans e Bragança, numa das quais como orador; Suas Altezas Reais os Duques de Bragança; o Dr. António de Almeida Santos, antigo presidente da Assembleia da República; os Embaixadores do Brasil, Marrocos, Argélia, Egipto, Suíça, Ucrânia e Moldávia, quase todos como oradores; o Procurador-Geral Adjunto do Brasil Prof. Doutor Alcides Martins, novo delegado da Sociedade Histórica na grande Nação Irmã; Dr. Marcolino Moco, antigo Primeiro Ministro de Angola e primeiro Secretário-executivo da CPLP — Comunidade dos Países de Língua Portuguesa; o Dr. Domingos Simões Perei-

-Executivo da CPLP — Comunidade dos Países de Língua Portuguesa; o Dr. Domingos Simões Pereira, Primeiro Ministro da Guiné-Bissau e último Secretário-Executivo da CPLP; o catedrático espanhol Miguel Ayuso Torres, presidente da União Internacional de Juristas Católicos e do Conselho de Estudos Hispânicos Filipe II, o catedrático e arabista António Dias Farinha; o catedrático e escritor Onésimo Teotónio de Almeida, radicado nos Estados Unidos e próximo Delegado da Sociedade Histórica neste país; o Prof. Doutor Jaime Nogueira Pinto, Prémio Aboim Sande Lemos do ano, bem como muitas outras figuras de relevo das Forças Armadas, Universidades e Sociedade Civil.

### Recuperação do Património

Com o patrocínio da Fundação Millennium bcp e do seu ilustre presidente, Dr. Fernando Nogueira, a Sociedade Histórica inaugurou, a 1 de Dezembro, a notabilíssima recuperação do painel de azulejos do século XVII, “A caça ao Javali”, de Gabriel del Barco, que se encontrava em deplorável estado de degradação, num pátio exterior do Palácio, tendo, agora, sido colocado, no interior do Monumento Nacional, no “hall” da escadaria de acesso ao Salão Nobre. A Sociedade Histórica vai solicitar à Secretaria de Estado da Cultura o arrolamento do painel como património de interesse público e candidatar a sua recuperação ao Prémio Vilalva, da Fundação Calouste Gulbenkian.

Em 2015, também com o apoio mecenático da Fundação Millennium bcp, será restaurada a Sala dos Azulejos, contendo o valioso conjunto azulejar do século XVIII “Metamorfoses de Ovídeo”.

Por fim, o subsídio anual do Ministério da Defesa Nacional – este ano no montante de 7.400 euros – foi alocado à recuperação do óleo, a corpo inteiro, do conjurado D. Miguel de Almeida, 4.º Conde de Abrantes, que representou Portugal na Europália – Triunfo do Barroco (Bruxelas – 1991), bem como da pintura, sobre madeira, do século XVI, representativa do Cardeal-Infante D. Afonso de S. João e de S. Paulo, Arcebispo de Lisboa e introdutor da obrigatoriedade dos registos paroquiais, cuja iconografia é raríssima. Como sabido, o Cardeal-Infante D. Afonso e Avis era

bispo de Lisboa e introdutor da obrigatoriedade dos registos paroquiais, cuja iconografia é raríssima. Como sabido, o Cardeal-Infante D. Afonso de Avis era irmão de D. João III e do Cardeal-Rei.

### 1.º de Dezembro

As Cerimónias do 1.º de Dezembro – parceria da Sociedade História com o Município de Lisboa, desde 1862 – decorreram com a maior dignidade, tendo os três oradores – presidente da Sociedade Histórica, presidente do Município e deputado Ribeiro e Castro, presidente do nosso parceiro estratégico Movimento 1.º de Dezembro de 1640 – defendido a re-primáriação do Feriado Nacional do 1.º de Dezembro, para o que está a decorrer a recolha das 35 mil assinaturas, necessárias à apresentação à Assembleia da República do projecto de lei, de iniciativa popular, tendente à “Restauração do Feriado da Restauração”.

O desfile, a 30 de Novembro, pela Avenida da Liberdade até ao Monumento aos Restauradores, de 29 bandas filarmónicas, representativas das diversas regiões de Portugal, enquadrado pela Banda da Armada, constituiu a mais numerosa e patriótica demonstração, de sempre, da iniciativa do Movimento 1.º de Dezembro, denominada Desfile Nacional das Bandas Filarmónicas.

### Votos de Bom Ano de 2015

No primeiro editorial de 2015, comentarei o Plano e Orçamento para o novo ano, bem como as linhas orientadoras da Direcção, a que tenho a honra de presidir, para os anos de 2015 e 2016.

“Last but not least”, desejo aos queridos associados e suas famílias um ano de 2015 melhor do que os que Portugal viveu de 2008 a 2014, coincidentes com a actual grande crise económica do Ocidente e o protectorado da União Europeia e das organizações financeiras da comunidade internacional.

José Alarcão Troni

## FICHA TÉCNICA DO BOLETIM INFORMATIVO DA SHIP

Fundador: Carlos Vieira da Rocha

Director: José Alarcão Troni

Boletim Informativo com periodicidade trimestral. Editor: António Marques Francisco.

Edição e propriedade da Sociedade Histórica da Independência de Portugal.

Palácio da Independência. Largo de São Domingos, n.º 11 – 1150-320 Lisboa.

NIF:500875294 Tel.213241470 Fax.213243699

Endereço Internet: [www.ship.pt](http://www.ship.pt) Correio Electrónico: [shipgeral@ship.pt](mailto:shipgeral@ship.pt)

As comemorações do 1.º de Dezembro, este ano, tiveram início na véspera com o 3.º Desfile Nacional das Bandas Filarmónicas, na Av.ª da Liberdade, em Lisboa, iniciativa do Movimento 1.º de Dezembro de 1640.

A cidade acolheu, festivamente, as muitas Bandas que, de todo o País, se deslocaram à capital para harmoniosa, mas bem ruidosamente, saudarem alto e em bom som a Restauração da Independência de Portugal e a urgente repristinação do Feriado Nacional.

O coordenador-geral do Movimento 1.º de De-



zembro, Dr. José Ribeiro e Castro, organizador e impulsor do Desfile cumprimentou os presentes com palavras de estímulo e agradecimento: “Saudamos tudo o que chamamos Portugal. Lembramos as serras e as planícies. Lembramos os rios, as lagoas e o mar. Agradecemos o sol e a chuva. Lembramos as ilhas e os vales. Lembramos as aldeias, vilas e cidades. Trazemos em nós casas de granito e montes caiados, muralhas e castelos, capelas e mosteiros, sobreiros e carvalhos, choupos e castanheiros, pinheiros e oliveiras. Guardamos o urbano e o rural. Guardamos as Artes e o Desporto, as Letras e a Música, o canto que nos canta. Lembramos toda a nossa gente – de ontem, de hoje e de amanhã, de todas as cores e de todos os credos. Agradecemos a Cultura, a Língua e a História, a Religião, a Memória e a pertença comum. Trazemos connosco Portugal inteiro”.



No próprio dia em que cantamos “Portugueses celebremos / o dia da Redenção / em que valentes guerreiros / Nos deram livre a Nação”, as cerimónias tiveram início, às 9.30 horas, com o hastear das Bandeiras Nacional, da Restauração e da Sociedade Histórica da Independência de Portugal, ao som do toque de Alvorada, interpretado pelo Terno de Clarins da Fanfarra da Armada, no Palácio da Independência.

Continuaram as solenidades, na Praça dos Restauradores, com a homenagem aos Heróis da Restauração, sob a presidência do General Vasco Rocha Vieira, em representação de Sua Excelência o Presidente da República, acompanhado por altas entidades, tais como, a Dr.ª Teresa Caeiro, Vice-Presidente da Assembleia da República, em representação de Sua Excelência a Presidente; Sua Alteza Real o Duque de Bragança, Chefe da Casa Real Portuguesa e Representante do Rei-Restaurador; o Presidente do Município de Lisboa, acompanhado de muitos Vereadores; os Representantes dos Chefes do Estado Major-General e dos três ramos das Forças Armadas; os Representantes do General Comandante-geral da Guarda Nacional Republicana e do Director Nacional da Polícia de Segurança Pública; o Deputado José Ribeiro e Castro e demais dirigentes do Movimento 1.º de Dezembro de 1640; Dirigentes e representantes dos partidos e movimentos políticos, associações cívicas, culturais e académicas; Representantes das Juntas de Freguesia de Santa Maria Maior, a nossa Freguesia de proximidade, e do Lumiar, com a qual a Sociedade Histórica estabeleceu uma parceria estratégica; Associados, convidados e representantes dos Conjurados de 1640 e dos Fundadores de 1861; Autoridades civis, militares e académicas; Professores e alunos dos estabelecimentos de ensino militar e civil; sócios da Sociedade Histórica da Independência de Portugal e muito povo.



Ao som do Hino Nacional, tocado pela Banda da Armada e cantado por um coro de educandos dos Centros de Educação e Desenvolvimento Nossa Se-



Ao som do Hino Nacional, tocado pela Banda da Armada e cantado por um coro de educandos dos Centros de Educação e Desenvolvimento Nossa Senhora da Conceição, D. Maria Pia e Jacob Rodrigues Pereira, da Casa Pia de Lisboa e por todos os presentes, foi içada a Bandeira Nacional seguida da Bandeira da Restauração, acompanhado pelo hino respectivo.

Em continuação usou da palavra o presidente



da Direcção da Sociedade Histórica, Dr. José Alarcão Troni: “... Portugal carece, neste século XXI, de um destino manifesto, que mobilize o Estado e una a Nação. Penso que o destino manifesto de Portugal passa pela afirmação e expansão da Língua e da Cultura Portuguesas, – no País, na Diáspora, na Lusofonia e no Mundo – pela exploração dos recursos naturais numa zona económica exclusiva – o mar português – das maiores do mundo. Pela prioridade ao crescimento, competitividade e emprego. Pela coesão territorial e social. Pela protecção da família e dos grupos sociais mais vulneráveis – crianças, idosos, deficientes e desempregados, – ou seja, pela reposição do Estado Social ...”.

Interveio, então, o coordenador-geral do Movimento 1.º de Dezembro, Dr. José Ribeiro e Castro, para afirmar: “... **Nós precisamos do 1.º de Dezembro. Portugal precisa do 1.º de Dezembro.** As comunidades nacionais precisam de momentos e dias de celebração daquilo que são e de cultivo dos valores que as justificam e fortalecem. Quanto mais difíceis forem os tempos – e eles são-no – mais disso precisamos. Precisamos dessas datas – e seus valores e símbolos – que nos alimentam, que nos animam, que nos confortam, que nos reparam, que nos orgulham, que nos levantam, que nos reúnem, que nos mobilizam. E não há data tão nacional, tão colectiva, tão gregária, tão profunda, tão portuguesa de Portugal, tão festiva, tão popular quanto o 1.º de Dezembro e, sobretudo, o tesouro moral que guarda e encerra...”.

de Portugal, tão festiva, tão popular quanto o 1.º de Dezembro e, sobretudo, o tesouro moral que guarda e encerra ...”.

Concluiu as intervenções o presidente da Câmara Municipal de Lisboa, Dr. António Costa: “... O 1.º de Dezembro é uma data que traduz, porventura como nenhuma outra, a identidade, a história e a coesão nacionais. O sentimento que os portugueses nutrem por esta comemoração não está dependente de conjunturas ou circunstâncias. Funda-se, antes, na convicção profunda de que a celebração deste ato refundador da nossa nacionalidade é um fator de união e de crença, e de que Portugal permanecerá, independentemente das circunstâncias deste ou daquele momento, como uma Nação identitária, una, soberana e livre ...”.

Seguiu-se, como é hábito, a deposição de coras de flores na base do Monumento pelas delegações convidadas, encerrada pelos presidentes da Câmara Municipal de Lisboa e da Sociedade Histórica da Independência de Portugal.

Recordando os Heróis da Restauração, um terno de clarins da Fanfara da Armada executou os toques de Silêncio, Homenagem aos Mortos e Alvorada.

Encerrou a homenagem o arrear das bandeiras, de novo acompanhado dos toques respectivos.

Pelas 12h00 deu-se início à Missa Solene de Acção de Graças, na Igreja de S. Domingos, sob a presi-



dência do Padre Vitor Gonçalves, prior da Paróquia, e acompanhada pela Polyfonia – Schola Cantorum.

Neste sacrifício Eucarístico, memorial da Páscoa de Cristo, “lembrámos nas nossas orações, de um modo particular, os grandes portugueses que em 1640 restituíram a Independência a Portugal, mas também estiveram nas nossas intenções todos os outros portugueses, que, ao longo da história, com a sua heroicidade e sacrifício defenderam o bom nome

os outros portugueses, que, ao longo da história, com a sua heroicidade e sacrifício defenderam o bom nome e a perpetuação da nossa Pátria”.



Com o enfoque na doação dos portugueses que por todos os séculos se entregaram inteiramente ao serviço da Pátria, o Padre Vítor Gonçalves, na homília, referiu a riqueza da acção portuguesa, no espaço e no tempo, que enche a História de Portugal dos feitos lusitanos, sempre com o pensamento e o esforço posto nos nossos irmãos na fé e no amor.

Recordando a preocupação e intervenção de D. Afonso Henriques nos abusos do saque aquando da Conquista de Lisboa, referindo a ajuda e apoio promovidos pelo Santo Condestável Nuno Álvares Pereira ao feridos e abandonados nas Batalhas da Independência, e debruçando-se ainda e mais pormenorizadamente sobre a guerra da Aclamação, decorrida desde a restituição da Independência em 1 de Dezembro de 1640 a 13 de Fevereiro de 1668 com a assinatura do Tratado de Lisboa. Lembrou desde a presença de conselheiros ingleses às dificuldades de equipamento e de disponibilidades financeiras à resposta popular de incedível apoio, passando pela intensa e concretizada acção diplomática, assente nos valores que cultivamos e nos identificam e de que tanto nos orgulhamos.

Assinalando como Portugal tem estado sempre sob o olhar de Jesus Cristo e de Sua Mãe Santíssima, deu graças pelas comemorações a decorrer, exultando pela Sociedade Histórica manter incólume esta vontade de mais de três séculos.

No Palácio da Independência, no seguimento das comemorações, convidados, amigos e sócios continuaram em alegria no almoço convívio servido nas “Chaminés” e na “Sala de Convívio, tantos foram os participantes.

Pelas 16h30, no belo átrio principal do Palácio, agora ainda mais belo, foi oficialmente inaugurado a recuperação do Painel de Azulejos do séc. XVII, de

Pelas 16h30, no belo átrio principal do Palácio, agora ainda mais belo, foi oficialmente inaugurada a recuperação do painel de azulejos, do séc. XVII, de Gabriel del Barco, intitulado “Caça ao Javali”, primorosamente restaurado graças ao apoio da Fundação Millennium bcp.



De seguida, procedeu-se à abertura da exposição “Douradas Páginas Lusitanas... a Mão que a Ocidente o Véu Rasgou”, de Norberto d’ Abreu, no Instituto Fernando Pessoa. “A pujante técnica pictórica do pintor, artista plástico, luso que os desacertos do destino levaram a nascer em solo venezuelano, aliada a uma incessante busca da História pátria, permitiram resgatar do olvido uma dezena de personagens a quem o país muito deve”. “Ao interpretar magistralmente a alma lusa, vertendo na tela a força e a determinação de um pequeno povo que se fez grande entre os grandes, Norberto d’Abreu transporta-nos para um Portugal que vai de D. Afonso Henriques, paladino da independência pátria, até Joaquim Mouzinho de Albuquerque, vélite das fronteiras de Além-Mar”.

No Salão Nobre, o Cor. Américo Henriques empolgou a assistência, com o seu brilhantismo habitual, com uma lição de história, sobre “Restauração e Guerra da Aclamação”.

As comemorações terminaram com as palavras sábias do General Vasco Rocha Vieira que, em representando de Sua Excelência o Presidente da República, cumprimentou todos os presentes e enalteceu o trabalho da Sociedade Histórica, procedendo depois a assinatura do Livro de Honra da Sociedade Histórica.



**RESPOSTA DE RIBEIRO E CASTRO, SOFIA GALVÃO E RICARDO SÁ FERNANDES  
AO ARTIGO DE VASCO PULIDO VALENTE  
PUBLICADO NO JORNAL PÚBLICO DE 16 DE DEZEMBRO DE 2014**

Vasco Pulido Valente (VPV) escreveu na edição do PÚBLICO de domingo, dia 7 de Dezembro, uma crónica intitulada “Feriados”, que é susceptível de induzir o leitor em engano, uma vez que contém erros factuais a respeito do 1.º de Dezembro e do seu feriado.

1. VPV começa por menosprezar a Restauração e o 1.º de Dezembro do ponto de vista histórico, com uma leitura ideológica algo enviesada.

Discordamos, mas não é este o ponto deste texto. A Restauração, período que vai desde o 1.º de Dezembro de 1640 a 13 de Fevereiro de 1668, data de assinatura do Tratado de Lisboa que estabeleceu a paz com Madrid, é objecto de diferentes leituras e interpretações pelos historiadores.

O fundamental é que, a partir daí, a partir do 1.º de Dezembro e da Guerra da Restauração em que saímos vitoriosos, Portugal ganhou a sua independência plena, de novo com soberano próprio – foi posto termo ao domínio filipino e à chamada monarquia dual, em que Portugal estava sujeito a rei espanhol desde 1580, mais exactamente desde as Cortes de Tomar, que, em Abril de 1581, reconheceram Filipe II como soberano também no nosso país (Filipe I de Portugal).

2. Vasco Pulido Valente escreve, a seguir: "Na segunda metade do século [XIX], ninguém se lembrava do '1 de Dezembro' e os críticos do regime, de Ramalho Ortigão aos republicanos, desprezavam e ridicularizavam a “Sociedade 1.º de Dezembro” (que não sei se ainda existe), como centro de propaganda da corte e dos Braganças. Só os criados se metiam nessa fantasia, que o grosso do país letrado não levava a sério."

Primeiro, uma informação: sim, ainda existe. Nunca se chamou “Sociedade 1.º de Dezembro”, mas “Comissão Central 1.º de Dezembro de 1640”; e denomina-se, hoje, Sociedade Histórica da Independência de Portugal, designação que adoptou nos anos '20 do século passado. Celebrou há poucos meses 153 anos de existência e actividade. Hoje, como desde o início, tem sede no Palácio da Independência, o antigo Palácio dos Almadas onde nasceu a revolta dos 40 conjurados de 1640.

Em segundo lugar, as correcções.

A Comissão Central 1.º de Dezembro de 1640 foi o pólo da prolongada movimentação que, mais tarde, depois de décadas de persistente intervenção cívica, levaria à instituição legal do feriado nacional do 1.º de Dezembro. Foi fundada em 24 de Maio de 1861, tendo lançado um Manifesto em 25 de Agosto do mesmo ano, na tal "segunda metade do século, [em que] ninguém se lembrava do 1 de Dezembro", segundo VPV.

Nesta mesma segunda metade do séc. XIX, a Comissão Central desenvolveu vasta actividade pública, por iniciativas sociais, editoriais e culturais, nomeadamente concursos de teatro, récitas, conferências de carácter histórico-cultural e político-institucional e exposições didácticas. E dinamizou campanhas públicas de angariação de fundos de que resultou a edificação de importantes monumentos, de cunho português e patriótico: a estátua a Luís de Camões, em Lisboa (1867); a estátua ao poeta Bocage, em Setúbal (1871); a estátua a Sá da Bandeira, em Lisboa (1884); o Monumento aos Restauradores, também em Lisboa, na actual Praça dos Restauradores (1886); e a estátua a D. Afonso Henriques, em Guimarães (1888). Tudo isto no período em que, segundo VPV, a “Sociedade 1.º de Dezembro” estaria votada ao desprezo e ao ridículo. Mais interessante é conhecer a lista dos tais "criados", os únicos que, segundo VPV, "se metiam nessa fantasia, que o grosso do país letrado não levava a sério".

Os fundadores da Comissão Central 1.º de Dezembro e signatários do Manifesto de 1861 foram 40 destacadas figuras da sociedade portuguesa do tempo, incluindo políticos, como Anselmo José Braamcamp (que foi líder do Partido Histórico ou Partido Progressista, um dos dois principais partidos da Regeneração), ou o celebrado tribuno José Estêvão; historiadores, como o grande Alexandre Herculano e Luís Rebelo da Silva; outros escritores, como José da Silva Mendes Leal ou Pedro de Brito Aranha; industriais de renome, como Domingos Ferreira Pinto Basto (da segunda geração da “Vista Alegre”) ou António José Pereira Serzedelo Júnior (que muito marcou, tal como seu pai, as primeiras décadas do “Banco de Portugal”); além de ilustres diplomatas, bibliógrafos, jornalistas, publicistas e comerciantes, presidentes da Câmara Municipal de Lisboa e governadores civis. Ditosa Pátria que tais “criados” tem!



A relação da Igreja de Cristo com a Cidade de Lisboa remonta aos primórdios. Os moçárabes (cristãos que continuaram a sê-lo após a conquista islâmica) e os muladis (cristãos convertidos ao islão) mantinham uma relação cordial.

Ligação muito útil e bem explorada por D. Afonso Henriques na conquista cristã de Lisboa em 25 de Outubro em 1147.

Mais uma vez a SHIP e o Guião comemoraram a efeméride; este ano num dia muito especial, pois, a solicitação do Senhor Dom Manuel, Patriarca de Lisboa, a nossa Diocese fez o compromisso comunitário com a caminhada sinodal, precisamente dia da Festa da Dedicção da Catedral, fazendo memorial da Igreja de Cristo, única na diversidade de todas as comunidades.

Em celebração eucarística, particularmente nos tempos que vivemos, é preciso levantar a cabeça e lembrar os grandes que já não estão entre nós, ganhando ânimo para prosseguir na senda por eles apontada — a vontade de seguir em frente.

A reconquista cristã da cidade de Lisboa fez um grande número de mártires. Recordando-os, lembrámos as palavras de Cristo: “Se o grão de trigo que cai na terra não morrer, permanecerá só; mas se morrer, produzirá muito fruto”.

Após a missa de sufrágio pelos defuntos e Acção de Graças pelos mártires daquele feito do nosso

sobre a Santa Casa da Misericórdia, a sua história, missão, acções realizadas e meios de manutenção (oficialização dos jogos de fortuna e azar).



A exposição abriu ao público numa renovada galeria daquele Museu. Entre as peças expostas encontravam-se os primeiros “Compromissos”, dos séculos XVI e XVII, documentos que traçam as linhas orientadoras da organização da antiga Confraria da Misericórdia de Lisboa, hoje Santa Casa, que era concretizada pela prática das “14 obras de misericórdia” da matriz cristã. O “Compromisso” foi, assim, o ponto de partida desta instituição e da exposição, acompanhada ainda de obras de arte antigas e contemporâneas, cartas, álbuns de fotografias, filmes documentais, entre outras.

A exposição procurou mostrar como ao longo da história se realizou a missão da Santa Casa, através dos seus documentos de Arquivo – que são “memória e promessa”.

Três artistas contemporâneos colaboram nesta mostra, através dos seus trabalhos, na área do cinema, da fotografia e da música. O cineasta Pedro Costa que apresentou uma instalação audiovisual na Igreja de São Roque. Daniel Blaufuks realizou uma série nova de fotografias para a exposição, intitulada “Corte”, que resultou de uma visita ao Arquivo e de uma escolha de alguns “sinais dos expostos”, pequenos objectos (medalhas, pedras preciosas, brocados, veludos ou panos menos nobres bordados), que revelavam a origem dos recém-nascidos entregues ao cuidado da Misericórdia (“expostos”). O terceiro criador foi o compositor João Madureira que, do fundo musical do Arquivo Histórico escolheu uma peça — “Magnificat” do século XVII e compôs uma nova em versão contemporânea — um novo Magnificat .

E assim acabou um dia muito bem passado em que história e arte se conjugam de forma admirável.



Primeiro Rei, cerca de 30 consócios conviveram em alegre almoço.

Seguiu-se a visita ao Museu de São Roque, onde estava patente a exposição “Visitações. O Arquivo: memória e promessa”, conduzida pelo especialista daquele organismo, Dr. Ricardo Máximo, com o relato, muito bem documentado e exposto, sobre a Santa Casa da Misericórdia, a sua história, missão, acções realizadas e meios de manutenção (oficialização dos jogos de fortuna e azar).

## Conferências no Salão Nobre

Várias foram as conferências promovidas no Salão Nobre neste mês de Outubro. No dia 1, o Instituto Gonçalo Ribeiro Telles para a Ecologia da Paisagem no Ordenamento do Território promoveu uma palestra sobre “Associações de Desenvolvimento Rural, o caso da APRODER – Associação para a Promoção de Desenvolvimento Rural do Ribatejo”, que teve como oradora a Arq.<sup>a</sup> Paisagista Maria João Botelho.



No dia 7, também de Outubro, três Institutos da Sociedade História (Instituto D. Antão de Almada, Instituto Almeida Garrett e Instituto D. Pedro de Alcântara) iniciaram as Jornadas Históricas Luso-Brasileiras com a conferência “O Brasil no século XVII”, pela Prof.<sup>a</sup> Doutora Ana Leal de Faria, seguindo-se a conferência, no dia 14, sobre as “Intervenções portuguesas a sul do Brasil, em tempo de independências”, do General Silvino da Cruz Curado. E no dia 28, “A Literatura Luso-Brasileira”, pelo Prof. Dr. João Bigotte Chorão.

No dia 9, e no âmbito do Ciclo de Conferên-



cias sobre as Comunidades Portuguesas realizou-se a palestra “A Comunidade Portuguesa no Brasil”, pelo Prof. Doutor Alcides Martins, Sub-Procurador Geral do Brasil, que contou com a moderação do Embaixador Eurico Paes, Presidente do Instituto Almeida Garrett.

O Prof. Doutor Fernando Cristovão foi o convidado do Instituto Fernando Pessoa Língua Portuguesa e Culturas Lusófonas, para uma conferência sobre “Lusofonia II – Cartografia e Perspectivas”, integrando assim o Ciclo de Conferências “Portugal:

(RE) Fundações 2014-2015”.

No dia 29, o Conselho Supremo, dando continuidade ao Ciclo de Conferências “Portugal, Legado e Futuro” promoveu uma conferência sobre “O Sistema Internacional Contemporâneo e o Combate Estratégico Mundial”, tendo como orador o Prof. Doutor Adriano Moreira.

Por fim, no último dia do mês, o tema “Almeida e as Visões de Tondale: (Des)construção de uma Praça de Guerra na Restauração (1640-1648)”, foi abordado pelo Prof. Doutor Augusto Moutinho Borges (uma iniciativa da Comissão Portuguesa de História Militar).

A Biblioteca, no dia 23, fez um encontro, em que se tratou da vida e obra do “1.º Tenente d’ Artilharia José Anastácio da Cunha, sábio matemático que Portugal não soube aproveitar”, orientado pelo General Silvino da Cruz Curado.

Na primeira quinzena o Palácio recebeu a Ex-

## Exposições

posição dos artistas da ABD (Associação Brasileira de Desenho e Artes Visuais). Uma brilhante mostra de pintura brasileira que muito alegrou o Palácio.

A Livraria Olisipo escolheu também o nosso



Palácio para a sua mostra e venda de livros antigos, de 13 a 15 de Outubro.

Neste mês foram lançados quatro livros no nosso Palácio. A saber:

## Lançamentos de Livros

No dia 3, o “Tombo Heráldico dos Açores: Carta de Brasão de Armas – Heráldica Episcopal”, de António Ornelas Mendes e Jorge Forjaz, editado pela Caixa Económica da Misericórdia de Angra do Heroísmo.

No dia 15, o Movimento Internacional Lusófono apresentou o n.º 14 da Nova Águia e a obra “Acorda, Portugal”, de Pinho Neno.

A 20, a sócia Doutora Paula Lamas deu a conhecer o seu novo livro “Perfis Femininos na Epopéia Camoniana”, tendo tido como apresentadora a Prof.<sup>a</sup> Doutora Ana Cristina Costa Gomes.

Por último a 30, foi lançada a obra “A Satrapia do Kosovo”, da autoria do Embaixador José Manuel Arsénio.

Editora Fronteira do Caos



## Jantar Temático

No dia 2, a Sociedade Histórica deu início aos seus jantares temáticos escolhendo o espaço das Chaminés do Palácio, que é gerido pelo INATEL, parceiro institucional da SHIP.

O primeiro jantar teve como convidado palestrante o Prof. Dr. José Augusto Alarcão Troni e como tema os 150 anos da SHIP.

No dia 4 de Novembro,



## Conferências

as Jornadas Luso-Bra-sileiras prosseguiram com a conferência “O Teatro Português do Brasil – De Anchieta a 1822”. Realizado na Sala General Themudo Barata, à volta de uma mesa, o colóquio, dirigido pelo Prof. Dr. Duarte Ivo Cruz, teve uma grande envolvimento da assistência.

No dia 6, por iniciativa do Centro Europeu de Estudos de História Constitucional, o Prof. Doutor



Miguel Ayuso Torres, Professor Catedrático da Universidade Pontificia Comillas de Madrid, Presidente da União Internacional de Juristas Católicos e Instituto Filipe II, proferiu a conferência “A Crise do Estado”.

No âmbito da evocação do I Centenário Grande Guerra (1914-2014) realizaram-se no dia 11, du-



## Tertúlias Finis Imperii

Na Tertúlia deste mês, que decorreu no dia 29, apresentou-se o livro “Da Guiné Portuguesa à Guiné Bissau”, do Embaixador Francisco Henriques da Silva e do Dr. Beja Santos. Realizado como habitualmente em parceria com a Liga dos Combatentes e a Comissão Portuguesa de História Militar.

No âmbito da evoca-



## Instituto D. Antão de Almada — Memória de Portugal

ção do I Centenário da Grande Guerra (1914-2014) realizaram-se, no dia 11, duas conferências sobre o tema.

“A Primeira Guerra Mundial” pelo General Alexandre Sousa Pinto e “O Tratado de Versailles: Estratégia Portuguesa na Conferência de Paz 1918 – 1919 (As Actas da Delegação Portuguesa)”, pelo Prof. Dr. Duarte Ivo Cruz.

Tratou-se de uma iniciativa da Sociedade His-



tórica com a participação da Comissão Portuguesa de História Militar, dada a importância da data.

Também a Biblioteca da Restauração da Sociedade Histórica assinalou esta data, no dia 20, com a conferência “E o Mundo foi para a Guerra: Ao ser morto o arquiduque Franz Ferdinand, herdeiro do Império Austro Húngaro deu-se início a um ciclo de acontecimentos que haveria de fazer 13 milhões de mortes; 1914-1918”, proferida pelo Dr. Jorge Artur Sousa Gomes.

Ainda sob esta temática, e também no dia 20, foi apresentado o livro “Horas de Guerra”, da autoria de Manuel Benjamim Rodrigues Coelho, apoiada pelo seu familiar e nosso consócio Prof. Doutor José Ferreira Coelho, em parceria com a editora algarvia Arandis.

## Lançamentos de Livros

Várias foram os lançamentos de livros realizados no Salão Nobre no mês de Novembro.



No dia 14, realizou-se lançamento da obra “Poética da Canção de Coimbra” da autoria de Fernando Murta Rebelo e José Fernandes Tavares. A apresentação da obra foi feita pelos autores e pelo antigo Presidente da Assembleia da República, Dr. António Almeida Santos, que presidiu à mesa. Presentes, além dos autores, o presidente da Sociedade Histórica, Dr. Alarcão Troni, a Presidente da Associação Académica dos Antigos Estudantes de Coimbra em Lisboa, Dr.<sup>a</sup> Maria de Fátima Lencastre, o representante do Grupo Serenata e Coimbra, Dr. Sutil Roque e o editor Dr. António Oliveira Cruz. A sessão terminou com a actuação do Grupo Serenata de Coimbra.

No dia 19, e no âmbito da Tertúlia Finis Imperii, foi apresentado no Salão Nobre o livro “Bissau em Chamas – Junho 1998”, dos Almirantes Alexandre Rodrigues e Américo Silva Santos, que contou com a apresentação do Almirante Reis Rodrigues.

Nos dias 21, 25, 26 e 27 foram lançados, respectivamente, os livros “Amor, Silêncios e Tempestades”, do Prof. Doutor José Luís Nunes Martins, com apresentação do Padre Gonçalo Portocarrero; “O filho de D. Sebastião”, do Dr. Carlos Entrezede, com apresentação do Prof. Doutor João Paulo Oliveira e Costa; “As Crónicas das minhas Teclas”, de Antunes Ferreira e “Verde Mar”, do Cor. Roberto Ferreira Durão.

Como já vem sendo tradição, a SHIP organizou um magusto para os seus associados, no passa-

## Convívio

do dia 11 de Novembro, onde ao som de fados não faltaram as tradicionais castanhas, água-pé e caldo verde.



## Outras Comemorações

No dia 13, realizou-se no Salão Nobre a Sessão Comemorativa dos 8 Séculos de Língua Portuguesa, com o alto patrocínio do Presidente da República. Uma iniciativa do Instituto Fernando Pessoa – Língua Portuguesa e Culturas Lusófonas.

No dia 17, o mesmo Salão Nobre foi palco de uma evocação a Tobias Barreto, na qual foi feita a sessão de abertura do X Colóquio com uma palestra sobre “A Filosofia Jurídica Luso-brasileira do século XX”, pelo Prof. Doutor António Braz Teixeira

Realizou-se, no dia 13, mais um jantar temáti-

## Jantar Temático



co. Neste dia o tema abordado foi “A Comissão Portuguesa de História Militar: 25 anos ao serviço da História” e teve como convidado orador o General Alexandre Sousa Pinto, presidente da CPHM.

No dia 27 de Novembro, um grupo de associados foi até à zona de Alcobaça. De manhã, visitou-se

## Visitas Culturais

a Fábrica e o Museu da Atlantis e onde pôde ter um contacto directo com todo o processo minucioso de fabrico deste famoso cristal.

Da parte da tarde, foi a vez do Mosteiro de Santa Maria de Coz, para admirar a recuperada igreja. Esta testemunha, no seu esplendor artístico barroco, a riqueza da comunidade e a sua grandeza patente na decoração dos tectos da Igreja, constituindo um caso único entre as abadias cistercienses de Portugal e Espanha.





## Comemorações do 1.º Dezembro no país e no estrangeiro

### Macau

Sócios e amigos da SHIP e individualidades ligadas ao Movimento 1.º de Dezembro, à Causa Monárquica e a outras organizações para quem esta grande data nacional tem especial significado, juntaram-se num encontro comemorativo no Clube Militar de Macau. Foi orador o Dr. Jorge Rangel, presidente do Conselho Supremo da SHIP, que dissertou sobre “A Restauração, os Conjurados de 1640 e o tempo presente de Portugal”. Foram lidas, na ocasião, uma mensagem do Senhor D. Duarte, Duque de Bragança, e saudações de diversas personalidades que quiseram associar-se a esta jornada patriótica e cultural que contou com a participação de mais de 70 pessoas.

### Vila Real

A convite da Associação dos Antigos Alunos do Liceu Camilo Castelo Branco, de Vila Real, realizou-se em 29 de Novembro do ano, no Teatro Municipal, uma palestra subordinada ao tema: “A Importância Histórica do Dia da Restauração na Identidade Nacional”. Estiveram presentes, para além do presidente da Associação, Dr. Manuel Cardona, como oradores, os Prof. Doutores Adriano Moreira, António Barreto, Eurico Figueiredo e Joaquim Silveira Sérgio e o Embaixador Francisco Seixas e Costa. O primeiro orador, o Prof. Doutor Adriano Moreira, lembrou um axioma do século XX – a cada nação um Estado, pelo que o 1.º de Dezembro afirmou o regresso à autenticidade. Seguiu-se a intervenção do vogal da Direcção Joaquim Silveira Sérgio que abordou da “Soberania e Ameaças”.

### Pedrogão Grande

A convite da Câmara Municipal de Pedrogão Grande, através do seu Presidente Valdemar Alves, a SHIP participou nas comemorações do 1.º de Dezembro realizadas naquela Vila. Presente, com a Conselheiro e Delegado do Porto, Dr. José Valle de Figueiredo, que aí proferiu uma conferência sobre “A Restauração e a arte de Ser Português”. Seguiu-se uma intervenção do coordenador-geral Presidente do Movimento 1.º de Dezembro Deputado Dr. José Ribeiro e Castro, que apelou vivamente, mais uma vez, para o restabelecimento do feriado nacional naquela data. As comemorações contaram com elevada participação da população, acompanhada festivamente pela centenária Banda Filarmónica do Concelho.

### Almoço de Natal

A 15 do mesmo mês ocorreu o almoço de Natal de confraternização com a participação de associados, funcionários e Direcção no restaurante D. Isilda, em Palmela.

## Conferências e apresentações de livros

No dia 3, no âmbito das Tertúlias Finis Imperii, foi apresentada a obra o “Fim de Império”, romance do Prof. Doutor António Bracinha Vieira, médico militar em Angola e professor.

No dia 4, o Prof. Doutor Renato Epifânio proferiu uma conferência sobre “Portugal e o V Império: Vieira, Agostinho da Silva & outros”, integrada no Ciclo de Conferências “Portugal: (RE) Fundações 2014-2015”, promovido pelo Instituto Fernando Pessoa □ Língua Portuguesa e Culturas Lusófonas



No dia 19, realizou-se, por iniciativa da Comissão Portuguesa de História Militar, a conferência “O Império Marítimo Português”, pelo Cor. Américo

## Exposições na Galeria Fernando Pessoa

Henriques.

Em Dezembro este espaço esteve sempre ocupado com exposições de pinturas, primeiro com as “Douradas páginas Lusitanas... a mão que a Ocidente o véu rasgou” de Norberto d’Abreu, e depois, “Pedras e outros pedaços”,



## Visitas culturais



da sócia Isabel Crespo.

No dia 3, um grupo de sócios visitou o Museu da RTP onde viram os primeiros equipamentos da RTP e sua evolução, bem como a antiga cabina da Emissora Nacional, com equipamentos da época como, por exemplo, o gonque.

No dia 9, o passeio cultural foi à Vila Natal de Óbidos e às Caldas da Rainha visitar o Museu Ter-